

# **Campo social do adolescente: O individual, o grupo de pares e os outros**

*ERICH KIRCHLER (\*)*

*MARIA GOUVEIA PEREIRA (\*\*)*

## 1. INTRODUÇÃO

A adolescência pode ser caracterizada por um período de mudanças, que podem ser, muitas vezes, conflituosas e abalarem algumas das certezas que foram consolidadas a nível do "self-system" dos indivíduos. Assim, os adolescentes procuram activamente referências e relações interpessoais estáveis que os ajudem a sair das incertezas vivenciadas. É durante tais momentos críticos, que a especificidade do sistema social em que o sujeito se encontra, lhe possibilita, ou não, encontrar soluções adequadas para fazer face às dificuldades e exigências com que se confronta. Já para Sherif e Sherif (1964), a entidade social a ser constituída nesses momentos de incerteza, será

---

(\*) Department of Psychology, University of Vienna

(\*\*) ISPA, Unidade de Investigação de Psicologia Cognitiva do Desenvolvimento e da Educação.

o "grupo de referência", com o qual os sujeitos se relacionam psicologicamente e ao qual desejam pertencer.

De acordo com a tese de Sherif e Sherif os grupos naturais de adolescentes constituem um verdadeiro fenómeno em todos os países do Ocidente, e efectivamente, alguns estudos empíricos têm vindo a apontar nesse sentido. Os resultados de algumas investigações conduzidas por Kirchler, Palmonari, e Pombeni (1992), Palmonari, Kirchler, e Pombeni (1989; 1990; 1991), Pombeni, Kirchler, e Palmonari (1990), na Universidade de Bologna, e recentemente em Portugal por Gouveia Pereira (1995) confirmam a presença generalizada de diferentes tipos de grupos de amigos – grupos formais e informais – aos quais os adolescentes (cerca de 90% a 99%) afirmam pertencer. O grupo de amigos, no período de transição para a idade adulta, revela-se para os adolescentes uma entidade de suporte indispensável.

Os motivos que levam os adolescentes a pertencerem a um grupo podem ser diversos. De acordo com Palmonari e Pombeni (1989), muitos dos adolescentes (42.6% dos rapazes e 34.8% das raparigas) encontram-se com os amigos para se divertirem. Quase 20% dos rapazes e das raparigas revelam juntarem-se a um grupo para partilharem algumas experiências, e 11.4% dos rapazes e 15.2% das raparigas esperam que o grupo lhes forneça apoio e suporte para lidarem com as dificuldades com que se confrontam. Também 16.9% dos rapazes e 24.3% das raparigas afirmam que querem conhecer outras pessoas, e ainda, 9.2% e 6.5% indicam que se juntaram a um grupo para não estarem sozinhos.

No que respeita ao tipo de grupos, diversos estudos (Gouveia Pereira, 1995; Kirchler et al., 1991, 1992; Palmonari et al., 1989, 1990) revelaram que a maioria dos adolescentes pertence a um grupo informal. Os grupos informais funcionam como ponto de referência, sendo representados por um núcleo de companheiros, com os quais se encontram, frequentemente, nas ruas, nos parques, nos recreios e nos cafés. É de salientar que o grupo "colegas de escola" assume uma importância relevante junto dos adolescentes portugueses. Uma explicação possível para esta constatação

poderá ser o facto de os adolescentes portugueses passarem grande parte do dia na escola, e naturalmente, o convívio com os pares acontecer no contexto escolar. Os grupos definidos como grupos informais são constituídos, exclusivamente, com base no interesse recíproco dos seus membros, existindo de forma bastante independente de qualquer liderança de um adulto. O termo grupo formal significa que os grupos se formam com base num objectivo muito claro, a ser atingido sob a supervisão de um líder adulto. Tais objectivos podem ser religiosos, desportivos, políticos, bem como humanitários (por exemplo, os jovens membros da Amnistia Internacional). Na pertença a grupos formais, os adolescentes pertencem a grupos desportivos e religiosos, e em menor número a grupos políticos e a grupos "expressivos" (música, teatro, artes, etc).

Num estudo conduzido no Norte de Itália pela equipa de Bologna com 3.744 adolescentes, a grande maioria dos inquiridos (98.5%) revelaram que se juntam regularmente a um grupo de pares. A maior parte deles pertencem a grupos informais (49.2%) ou grupos quase-informais (23.7%), e cerca de 10% dos adolescentes juntaram-se a grupos desportivos e 9.5% a grupos religiosos (Palmonari, Pombeni, & Kirchler, 1992). Os resultados da investigação levada a cabo por Gouveia Pereira (1995), com 200 adolescentes apontam no mesmo sentido, i.e., a maioria dos adolescentes pertencem a um grupo, cuja maioria recai nos grupos informais (94.7%) e apenas 2.6% afirmam pertencer a um grupo desportivo, 1% a um grupo religioso e 0.5% a um grupo político.

No que respeita às pertenças grupais, os adolescentes têm conceitos concretos sobre os seus próprios grupos e têm conhecimento da existência de grupos diferentes dos seus. O conhecimento de pertencer a um grupo de amigos está sempre relacionado com o conhecimento da existência de outros grupos que são utilizados no processo de comparação social (Tajfel, 1978).

Quadro 1

*Grupos definidos como outgroups por adolescentes que se encontram em grupos informais, quase-informais e formais.<sup>1</sup>*

Grupos definidos como outgroups							
grupos de pares	informal	quase-informal	desportivo	religioso	político	arte	outros
informal (n = 1800)	7.7 -	2.4 .	3.7 .	37.2 +	43.7 .	2.1	3.2 +
quase-informal (n = 867)	15.6 .	1.5 .	3.8 .	26.6 -	49.0 +	2.1 .	1.4 -
desportivo (n = 366)	24.6 +	3.6 .	1.9	25.7 -	40.4 .	1.6 .	2.2 .
religioso (n = 354)	48.3 +	2.8 .	2.0 .	6.5 .	38.7 -	0.8 .	0.8 -

<sup>1</sup> Nota: Sinais "+" e "-" indicam a percentagem significativamente superior ou inferior das percentagens esperadas. (Teste Qui-Quadrado,  $p < .01$ ).

Palmonari, Pombeni, e Kirchler (1989, 1990) constataram que os adolescentes têm a percepção de estar situados num campo social articulado com uma grande variedade de outros grupos. Nestes estudos a maioria dos sujeitos diferenciaram o seu grupo de outros grupos, sendo os grupos políticos aqueles que mais frequentemente são percebidos como completamente diferentes dos seus próprios grupos (Quadro 1).

Por outro lado, os adolescentes que pertencem a grupos formais, tais como grupos desportivos ou religiosos, tendem também a indicar os grupos políticos e informais, como os grupos significativamente diferentes do seu próprio grupo. Os adolescentes que pertencem a grupos informais, cujos membros se encontram com os seus pares sem qualquer actividade específica, indicavam os grupos formais, especialmente os grupos políticos e religiosos como outgroups. Assim, os adolescentes percebem-se a si

próprios como fazendo parte de um campo social articulado em que comparam o seu grupo a uma série de outros tipos de grupos.

Palmonari, Pombeni, e Kirchler em Itália e Áustria foram analisar, numa série de estudos, duas importantes questões:

- 1) como é que os adolescentes lidam com as tarefas de desenvolvimento tendo o suporte do seu grupo de pares e de outras pessoas significativas, tais como os progenitores e irmãos;
- 2) qual a percepção e avaliação que os adolescentes fazem do seu grupo de pares (ingroup) e dos outros grupos (outgroups).

## 2. TAREFAS DE DESENVOLVIMENTO E O SUPORTE FORNECIDO PELO GRUPO DE AMIGOS E A FAMÍLIA

A adolescência é muitas vezes considerada como um período tempestuoso, acompanhado por crises e distúrbios que podem ser dolorosos e stressantes (Hall, 1904; para uma revisão ver Miller, 1989). Investigações mais recentes caracterizam a adolescência como um período de transição, que exige novas formas de ajustamento, e durante o qual o sujeito é confrontado com problemas/dificuldades e tarefas desconhecidas.

Havighurst (1951) definiu tarefas de desenvolvimento como problemas que surgem em certos períodos de vida de um indivíduo. O autor colocou a hipótese de que a resolução com sucesso destas tarefas conduz à felicidade, existindo uma maior probabilidade de sucesso nas tarefas futuras, enquanto que o insucesso conduz à infelicidade, à desaprovação social e a sucessivas dificuldades em lidar com as tarefas futuras. Havighurst sugeriu que as tarefas de desenvolvimento decorrem de diferentes fontes, nomeadamente da maturidade física, das pressões culturais ou expectativas sociais, e das aspirações e valores individuais. Isto significa que as tarefas de desenvolvimento diferem de cultura para cultura e que podem variar, por exemplo, de um status social para outro. Mais ainda, as tarefas de desenvolvimento estão relacionadas com a idade do indivíduo e podem variar com o decorrer do tempo.

Havighurst apresenta uma lista das mais importantes tarefas de desenvolvimento, com as quais os adolescentes são confrontados entre os 12 e os 18 anos.

As tarefas a serem ultrapassadas são as seguintes:

- a) aceitação do seu corpo e aquisição de um papel sexual masculino ou feminino.
- b) desenvolvimento de relações apropriadas com os companheiros da mesma idade e de ambos os sexos.
- c) tornar-se emocionalmente independente dos pais e de outros adultos.
- d) conseguir a independência económica.
- e) escolher e preparar-se para uma carreira e integração no mundo do trabalho.
- f) desenvolver as capacidades cognitivas necessárias para as competências sociais.
- g) compreender e adquirir comportamentos socialmente responsáveis.
- h) preparar-se para o casamento e constituir uma nova família.
- i) adquirir valores e um sistema ético de crenças que formem a base do seu comportamento e se torne na ideologia do sujeito.

Apesar de Havighurst ter descrito estas tarefas na década de 40, segundo Dreher e Dreher (1985), estas parecem ser igualmente válidas para os adolescentes nos dias de hoje.

No que respeita às dificuldades e problemas na adolescência, para além dos problemas na escola, alguns dos principais problemas dos adolescentes estão centrados nas relações sociais. As interações com a família sofrem grandes alterações, e são muitas vezes stressantes, quer para os pais quer para os filhos. A afiliação com os pares e a integração num grupo de companheiros da mesma idade requer também competências sociais e de "auto-afirmação", que nem sempre os adolescentes possuem. Por exemplo, os adolescentes nem sempre reagem de forma socialmente eficiente e têm dificuldade em ultrapassar a timidez que é típica desta fase (De Armas & Kelly, 1989; Zimbardo, 1977).

Ainda a nível das dificuldades Engel e Hurrelmann (1989) revelam que 82% dos adolescentes alemães entre os 12 e os 16 anos têm problemas a nível do que lhes é exigido na escola, 51% têm problemas com os seus pais e 43% têm problemas em encontrar e fazer amigos com colegas da mesma idade. Também o estudo conduzido por Gouveia Pereira (1995) revelou que as principais dificuldades sentidas pelos adolescentes estão relacionadas com conflitos com a família, com os amigos, problemas com a escola, e estão preocupados com o seu futuro (ver Gouveia Pereira, neste volume).

O modo como o adolescente lida com as tarefas de desenvolvimento, tem sido considerado, muitas vezes, como dependendo principalmente das características da personalidade do indivíduo (ver Bosma & Jackson, 1990). No entanto, muitos estudos têm contribuído para um melhor entendimento da relação entre a personalidade do indivíduo e as estratégias que encontra para lidar com as tarefas de desenvolvimento. Kirchler et al. (1992) e Palmonari et al. (1989) estão convencidos de que outras variáveis importantes precisam de ser estudadas de modo a compreender os problemas dos adolescentes e os respectivos processos de resolução. A adaptação às novas mudanças e a resolução com sucesso das tarefas de desenvolvimento, além de depender das características de personalidade, parece, depender também, das actividades interpessoais dos jovens.

A participação dos adolescentes em relações sociais e interpessoais proporciona-lhes suporte para os ajudar a lidar com sucesso nas tarefas de desenvolvimento. Um conjunto de estudos (Kirchler et al., 1991; Palmonari et al., 1989, 1991; Pombeni et al., 1990) deram alguns contributos a esta ideia. Partindo de um ponto de vista psicossociológico, a atenção foi concentrada sobre a importância do grupo de amigos e da família como fontes de apoio aos adolescentes. Para responder a este objectivo os adolescentes foram inquiridos através de um questionário sobre os seus processos de "coping" em diferentes tarefas de desenvolvimento e sobre o grau de identificação com o seu grupo de amigos e a sua família.

Quadro 2

Frequência relativa com que os adolescentes falam com alguém dos seus problemas, tendo em consideração o grau de identificação (elevado vs baixo) com a família e o grupo de pares.

## Com quem conversam

identificação com	grupo pares	melhor amigo	família	outras pessoas	ninguém	frequência total
<b>família:baixa</b>						
pares:baixa	.11 -	.42	.14 -	.07	.27 +	1725
pares:alta	.17 +	.45 +	.10 -	.06	.22	1291
<b>família:alta</b>						
pares:baixa	.10 -	.36 -	.27 +	.06	.21	1135
pares:alta	.12	.40	.22 +	.06	.21 -	1614

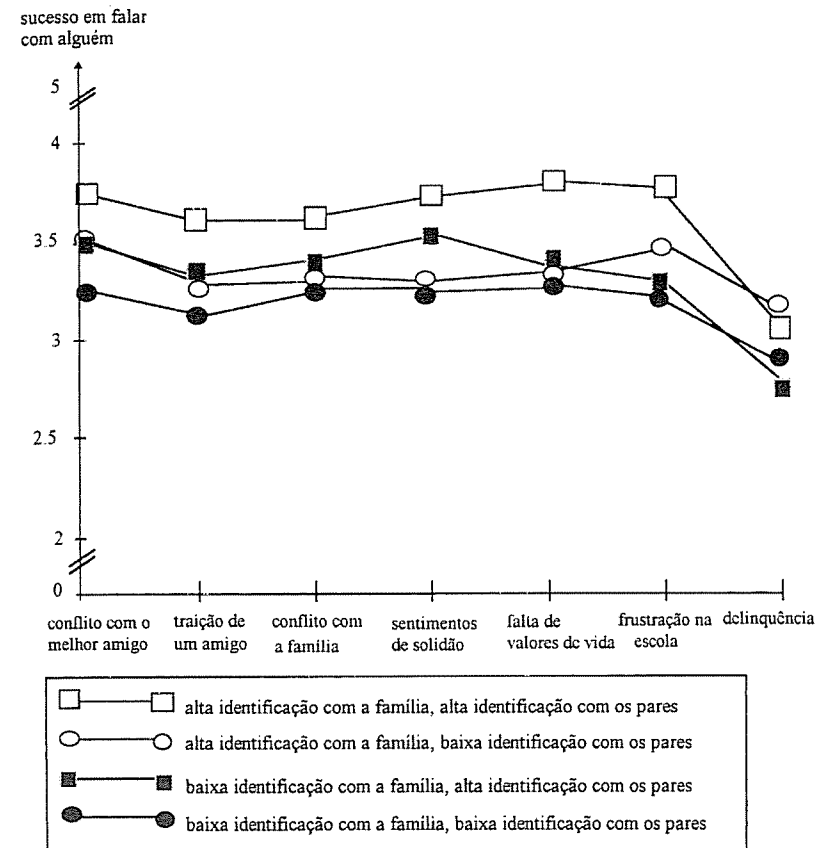
Nota. Os sinais "+" e "-" indicam diferenças significativas entre as frequências observadas e as esperadas. "+" indica que a frequência observada é superior à esperada; "-" indica que a frequência observada é inferior à esperada.

Os resultados evidenciaram que, independentemente do tipo de grupo de amigos ao qual o indivíduo pertence, é o grau de identificação ao grupo de amigos e à família, que determina o apoio emocional e informativo que os adolescentes procuram nestas duas entidades (Quadro 2).

Os resultados na Figura 1 são evidentes na confirmação da relevância do grau de identificação do adolescente com o grupo de amigos e a família na ajuda que fornecem nas dificuldades e problemas com que se confrontam. As dificuldades mais referidas pelos adolescentes são as seguintes: conflitos com o melhor amigo, traição de um amigo, conflitos com a família, sentimentos de solidão, falta de valores de vida, dificuldades na escola e problemas com a delinquência.

Figura 1

Vantagens em falar com alguém (1= negativo, 5= positivo) x elevada identificação versus baixa identificação com os amigos e a família e o tipo de dificuldades.



Importa ainda salientar a pertinência destes resultados acerca dos problemas dos adolescentes ligados à delinquência. Ou seja, os adolescentes que têm uma forte identificação com a família, e simultaneamente com o grupo de amigos, são os que mais procuram ajuda para os seus problemas, e conse-

quentemente, ficam mais bem apetrechados para os resolver. Mas, ao contrário, quando os problemas estão ligados a actos de delinquência e, existe uma elevada identificação com a família e com o grupo de amigos, não retiram ajuda para resolver esses problemas. Ou seja, são os adolescentes que apresentam um elevado grau de identificação apenas com a família, aqueles que procuram e recebem apoio desta, acabando por encontrar soluções para esses problemas e serem bem sucedidos na sua resolução. O mesmo já não sucede, se se identificam fortemente apenas com o grupo de amigos, ou, se se identificam fortemente com a família e o grupo de amigos. Parece, assim, que a resolução de problemas ligados a actos ilegais e delinquência se torna mais difícil, quando os adolescentes têm uma forte ligação com os companheiros e não têm uma forte ligação com a família. O grupo nessas circunstâncias, apresenta-se mais como um obstáculo do que como suporte para resolver os problemas ligados à delinquência. Uma explicação possível para estes resultados, pode ser o facto de os actos ilegais, tais como vandalismo, abuso de droga, pequenos furtos, serem muitas vezes cometidos em conjunto com os companheiros, e serem considerados entre si, como um sinal de maturidade.

### 3. O ADOLESCENTE E O SEU CAMPO SOCIAL

Os membros pertencentes a grupos tendem a diferenciar o seu grupo (ingroup) dos outros grupos (outgroups). Os processos de comparação e diferenciação intergrupais são explicados e discutidos por Tajfel (1972) na sua teoria sobre a categorização social, e por Tajfel (1978) e Tajfel e Turner (1979) na teoria da identidade social. Estas teorias pressupõem que a diferenciação entre os grupos é assimétrica, i.e., os indivíduos tendem a favorecer positivamente o seu grupo de pertença (ingroup) e a perceberem negativamente o outgroup. Os processos de diferenciação são muitas vezes construídos com base em estereótipos negativos em relação aos outros grupos e na desvalorização das suas actividades e objectivos.

No que respeita às representações que o adolescente tem de si próprio, do seu grupo de amigos e dos outros, existe uma tendência para se descrever e avaliar a si próprio e o seu grupo de forma mais favorável do que os outgroups. Palmonari et al. (1989; 1990), foram analisar os julgamentos feitos em relação ao self, ao ingroup e a dois tipos de outgroups, um deles escolhido livremente pelos sujeitos e definido por eles como um grupo distinto do seu próprio grupo de amigos, e um outro, um grupo de adolescentes que consomem drogas. Tal como estava previsto pela teoria da categorização social, os adolescentes avaliaram-se e descreveram-se a si próprios e ao seu grupo em termos mais positivos do que avaliaram os outgroups, especialmente, quando se avaliaram e descreveram a si próprios e ao seu grupo em comparação com o grupo de consumidores de drogas.

As avaliações que os adolescentes fizeram de si próprios, do seu grupo e dos outgroups, revelaram-se independentes do tipo de grupo a que pertenciam, fosse ele um grupo informal, ou um grupo religioso, um grupo desportivo (grupos formais). No entanto, o tipo de relacionamento que os adolescentes estabeleceram com os seus amigos foi de extrema importância para explicar algumas variações adicionais da dinâmica intergrupais. O apoio teórico provém da teoria da auto-categorização de Turner et al. (1987). Estes autores defendem que o processo de identificação com um grupo é condição necessária para que exista uma discriminação do seu comportamento a favor do próprio grupo.

Um estudo conduzido por Palmonari et al. (1990) demonstrou que, os adolescentes que possuíam um elevado nível de identificação com o seu grupo, quando comparados com os que tinham um baixo nível de identificação, se consideravam a eles próprios, aos seus amigos, assim como ao outgroup por eles escolhido e definido como claramente diferente do seu grupo, como sendo sujeitos menos insatisfeitos, mais empenhados e mais abertos em relação ao mundo social. Contudo, o outgroup designado como consumidor de drogas, foi descrito de forma mais negativa pelos adolescentes com forte identificação com o ingroup. Ou seja, contrastando com os adolescentes com baixa identificação, aqueles que se identificam fortemente com o ingroup, avaliaram tanto o seu grupo como os membros do outgroup por eles escolhido como distinto do seu, de forma mais

favorável, e simultaneamente rejeitaram fortemente os membros do outgroup consumidores de drogas. Parece assim que, os adolescentes com uma forte identificação com o seu grupo de amigos, possuem uma maior capacidade de diferenciação dentro do seu campo social do que os adolescentes com baixo nível de identificação.

Palmonari et al. (1989, 1990), esperavam que elevados níveis de identificação ao grupo implicassem uma avaliação negativa em relação a qualquer outgroup. Ora, os resultados não são concordantes com esta expectativa. A tendência para a diferenciação foi demonstrada em relação a ambos os tipos de outgroups, mas, mais especificamente, no caso do outgroup de consumidores de drogas. Estes últimos, foram percebidos como sendo totalmente diferentes do seu grupo de pertença, e mesmo do outgroup indicado pelos sujeitos. No que respeita às avaliações em relação ao grupo de consumidores de drogas, fornecidas pelos adolescentes com elevada identificação ao ingroup, os resultados parecem apoiar a teoria da auto-categorização (Turner et al., 1987). No entanto, quanto às avaliações em relação ao outgroup escolhidos pelos sujeitos, os resultados apoiam a teoria de Deschamps (1982) sobre as relações intergrupais. De acordo com Deschamps a diferenciação intragrupal e intergrupar demonstra acima de tudo uma relação positiva, em vez de uma relação inversa. Ou seja, os sujeitos que se percebem mais próximos do seu grupo (ingroup) também se sentem mais próximos em relação aos outgroups, enquanto os sujeitos que se sentem menos próximos do seu grupo, também se consideram a si próprios e ao seu grupo, como estando mais distantes do outgroup. Nestes estudos, a co-variação parece ocorrer entre as descrições de si próprio, do próprio grupo e do outgroup por eles escolhido, mas não entre as duas primeiras e as descrições do outgroup de consumidores de drogas.

Ainda a nível das relações entre os grupos, Hinkle e Brown (1990) chamam a atenção para a relevância da variável "status" dos grupos. Nesse sentido dois estudos realizados por Sachdev e Bourhis (1985, 1987) revelaram que, o favoritismo do ingroup, apenas se observa em grupos que ocupam posições de status ou poder, superior ou igual ao do outgroup. Quando

o status ou o poder do seu grupo são inferiores ao do outgroup, as avaliações que os sujeitos fazem em relação ao seu grupo e aos outgroups, tendem a favorecer os membros dos outgroups.

De acordo com Sachdev e Bourhis (1987) estes resultados são devidos à construção de identidades sociais negativas por parte dos sujeitos pertencentes a grupos percebidos com um status baixo quando comparados com outros grupos. Os membros pertencentes a grupos com um status baixo, identificam-se menos com o seu grupo do que os membros pertencentes a grupos com elevado status, apesar de muitas vezes, pensarem que a situação intergrupar é ilegítima e poderem ter dúvidas sobre as causas e a estabilidade do status do seu grupo.

Retomando o problema da interpretação dos resultados dos recentes estudos de Palmonari et al. (1989, 1990, 1992), provavelmente as diferenças a nível de status entre o ingroup e outgroup representam a variável que pode lançar alguma luz sobre esses resultados. Como se viu, os outgroups a que o estudo faz referência são, em primeiro lugar, um grupo de pares diferente do grupo a que pertence o adolescente (escolhido por eles), mas não sendo negativamente avaliado, e em segundo lugar, um grupo de pares constituído por elementos consumidores de drogas, percebido como um muito diferente do seu grupo e avaliado muito negativamente. A discriminação revelou-se muito mais forte em relação ao segundo grupo do que em relação ao primeiro. Os estereótipos em relação ao grupo de consumidores de drogas levam, provavelmente, a apontar-lhes um status claramente inferior e negativo quando comparado com todos os outros grupos considerados nestes estudos.

Efectivamente, já Tajfel (1972, 1981) sublinhou a importância de não se considerar o processo de categorização apenas como um processo cognitivo de simplificação e compreensão da realidade. É preciso reconhecer que os julgamentos contêm uma dimensão avaliativa e descritiva, e que os processos intergrupais se podem reflectir em julgamentos avaliativos, e não resultarem apenas em puras descrições de ingroups e outgroups.

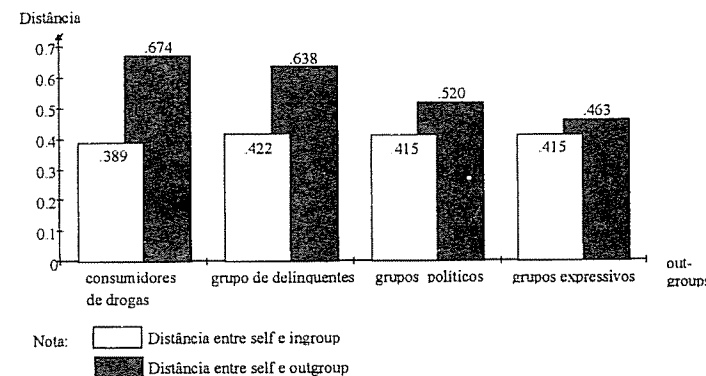
Kirchler, Palmonari, e Pombeni (1994) realizaram um estudo que focava a proximidade entre o sujeito (self) e o seu grupo de amigos, e a proximidade ou distância entre o sujeito (self) e os outgroups. A dinâmica intergrupar foi avaliada como sendo dependente do status de superioridade e inferioridade do próprio grupo em relação aos outgroups. Nesse sentido, foram investigadas por um lado, as avaliações e descrições dos grupos e, por outro lado, a polarização dos julgamentos em relação aos ingroups e aos outgroups. Previa-se que, os membros pertencentes a grupos superiores avaliariam o seu grupo de forma positiva e os outgroups de forma negativa, e os membros pertencentes a grupos com um status igual ou inferior aos dos outgroups não avaliariam negativamente os outgroups. No que diz respeito às descrições, as diferenças deveriam emergir apenas nas dimensões em que se descrevem diferentes actividades dos outgroups e se referem a estereótipos em relação aos outgroups.

Participaram no estudo 434 rapazes e raparigas, com idade compreendida entre os 13 e os 19 anos. Foram inquiridos sobre diversas questões: se eles tinham amigos ou não; de que tipo de grupos faziam parte e o respectivo grau de identificação. Foi-lhes ainda pedido para se descreverem a si próprios, o seu grupo de amigos, e um outgroup específico, utilizando como instrumento um diferenciador semântico (Peabody, 1985), constituído com 32 adjectivos numa escala bipolar. E finalmente, qual a percepção que os adolescentes tinham acerca do status do seu grupo e dos outros grupos.

O estudo foi realizado de forma a investigar os aspectos avaliativos e descritivos como parâmetros da dinâmica intergrupar. As distâncias em relação aos ingroups e aos outgroups foram operacionalizadas através das distâncias Euclidianas entre os itens da escala atrás referida, em que os sujeitos se descreveram a si próprios e aos grupos. Este estudo evidenciou que, os adolescentes se percebem a si próprios como estando mais próximos do seu grupo de amigos, e relativamente próximos de grupos políticos e grupos expressivos, definidos como outgroups. Contudo, percebem-se muito distantes dos grupos de consumidores de droga e de delinquentes (ver Figura 2).

Figura 2

*Distância entre o self - ingroup e o self - outgroups.*



Os resultados da Figura 2 mostram que a correlação entre o valor de superioridade do ingroup e a distância entre o self e o ingroup foi de  $r(330) = -.28$  ( $p < .05$ ) e a correlação entre o valor do status e a distância entre o self e o outgroup foi de  $r(330) = .44$  ( $p < .001$ ). As correlações entre os julgamentos do self-ingroup e os julgamentos do self-outgroup não foram negativas quando o ingroup foi percebido como superior aos outgroups (outgroups-consumidores de drogas:  $r(85) = .24$   $p < .05$ ; outgroups-delinquentes:  $r(82) = .19$ ;  $p < .05$ ), mas extremamente positivas quando o ingroup foi avaliado como possuindo um status igual ou inferior ao dos outgroups (grupos políticos:  $r(76) = .32$   $p < .01$ ; grupos expressivos:  $r(87) = .59$   $p < .01$ ).

Considerando agora as componentes avaliativas e descritivas dos julgamentos, com base na escala de adjectivos positivos e negativos de Peabody (1985), descrevendo por exemplo, a mesma característica de um objecto social, um sujeito que responda numa escala que varia entre  $-3 = \text{avarento}$  a  $+3 = \text{generoso}$ , com o valor  $+3$  descreve o objecto social que está a ser investigado, e avalia-o positivamente. Se o mesmo sujeito responde numa escala que varia entre  $-3 = \text{poupado}$  a  $+3 = \text{extravagante}$  com um valor elevado, o respectivo objecto social terá sido descrito em termos semelhantes ao anterior, mas desta vez terá sido avaliado negativamente. De



forma a não confundir os aspectos descritivos e avaliativos dos julgamentos, será necessário adicionar e subtrair, respectivamente, as respostas nas duas escalas de adjectivos correspondentes.

Assim, as respostas aos 32 adjectivos bipolares foram tratados tal como Peabody sugeriu. As respostas a duas escalas correspondentes foram adicionadas para obter os aspectos descritivos. Subsequentemente, todas as escalas com valores elevados indicando um julgamento negativo foram invertidos, por forma a fornecerem valores elevados se os julgamentos eram positivos, e as respostas às duas escalas de adjectivos correspondentes foram adicionadas para se obter aspectos avaliativos. Estas transformações produzem valores elevados para avaliações positivas. No que respeita aos aspectos descritivos, quer os valores elevados quer os valores baixos, indicam que o objecto social é percebido como possuidor de uma determinada característica (isto é, pode ser descrito pelo adjectivo tanto pelo lado esquerdo como pelo lado direito da escala bipolar) os valores médios indicam que uma dada característica não é muito clara em relação ao objecto social.

A lista dos 32 adjectivos bipolares de Peabody constituem 17 dimensões. Cada uma delas pode também ser agregada de forma a obter-se um factor que possa ser interpretado como o componente médio avaliativo nos julgamentos.

Os autores colocaram a hipótese de que os adolescentes que pertencem a grupos com status superior tendem a favorecer o seu próprio grupo e a desvalorizar os outgroups. Ou seja, quanto maior for a avaliação que o sujeito faz do seu próprio grupo, mais negativamente avaliará os outgroups. Por outro lado, os adolescentes pertencentes a grupos com status inferior, ou igual aos dos outgroups, deveriam julgar os outgroups mais positivamente, quanto mais positivo fosse o julgamento do seu próprio grupo.

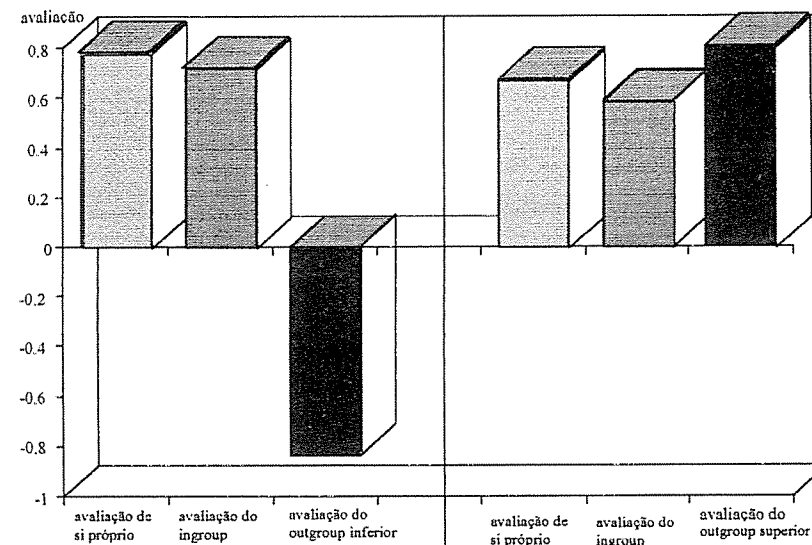
Os resultados evidenciaram que as correlações entre as avaliações dos ingroups e dos outgroups apoiaram esta hipótese. Os membros pertencentes a grupos com um status superior avaliaram o ingroup muito positivamente e subvalorizaram o outgroup, ( $r = -.24$ ;  $p < .01$ ). Os membros pertencentes a grupos com status igual ou inferior ao do outgroup, avaliaram o outgroup de forma mais favorável, quando os adolescentes perceberam o ingroup positivamente ( $r = .34$ ;  $p < .01$ ). As correlações entre os julgamentos

avaliativos médios de si próprio e do ingroup eram positivos sob ambas as condições ( $r = .24$  e  $.43$ ;  $p < .01$ , respectivamente). Pode-se então afirmar, que os aspectos avaliativos dos julgamentos apoiaram claramente as previsões dos autores.

Os resultados dos julgamentos avaliativos das 17 dimensões, evidenciaram que as avaliações, dependem do objectivo e das posições do ingroup e do outgroup: outgroups inferiores (grupos consumidores de drogas ou de delinquentes) foram avaliados muito negativamente, enquanto que os adolescentes, avaliaram-se a si próprios, aos ingroups e aos outgroups superiores (grupos políticos e expressivos) positivamente. Por outro lado, estas diferenças nas avaliações grupais estiveram presentes, quer para os adolescentes com elevado nível de identificação com o grupo, quer para os adolescentes com baixo nível de identificação (ver Figura 3).

Figura 3

*Média dos aspectos avaliativos dos julgamentos em relação a si próprio, ingroup e outgroups*



A hipótese de que a categorização social depende do tipo de status do grupo, revelou-se verdadeira no que respeita aos aspectos avaliativos dos julgamentos. Contudo, não se esperava que os aspectos descritivos sustentassem a hipótese da etnocentricidade do grupo. Ou seja, simples descrições de objectos sociais não reflectiram dinâmicas do ingroup e outgroup, mas serviram para ilustrar as diferenças entre as actividades dos grupos, tal como demonstraram os resultados do estudo.

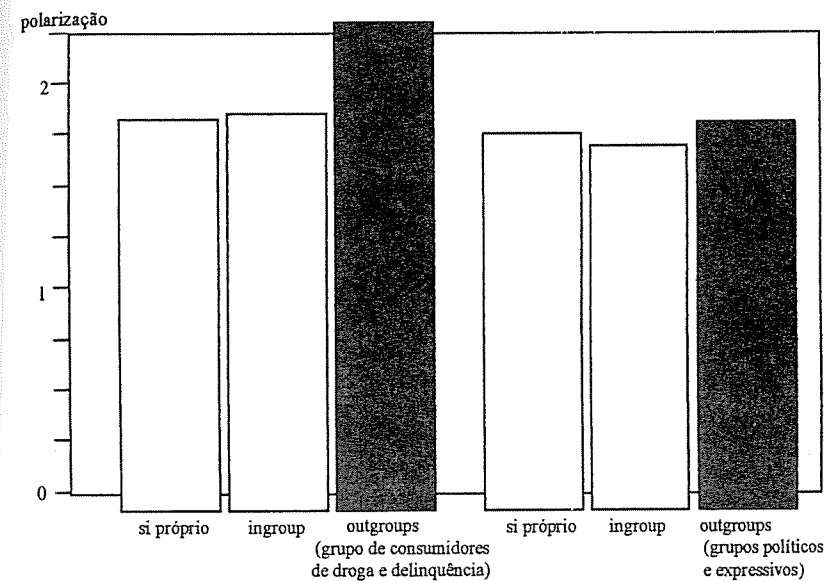
As análises dos julgamentos descritivos no diferencial semântico demonstraram não existir qualquer diferença entre descrições do self e do ingroup. No entanto, as descrições dos outgroups seguiram os estereótipos esperados: contrastando com os outros grupos, os grupos de consumidores de drogas e de delinquentes foram considerados, como avarentos, impulsivos, irreflectidos, não cooperantes e bastante estúpidos. O grupo consumidores de droga, na comparação com todos os outros grupos, foram também descritos como inactivos, inseguros e preguiçosos, e concretamente em comparação com os grupos políticos, foram percebidos como cépticos, desconfiados, vacilantes, submissos e perversos. Os grupos de delinquentes foram descritos como sendo mais agressivos, oportunistas e deploráveis do que os outros grupos. Os grupos políticos e expressivos foram descritos como especialmente trabalhadores, activos e inteligentes. Apesar destas descrições serem interessantes, apenas os aspectos avaliativos oferecem alguma clarificação sobre os processos de categorização social.

Para além dos aspectos avaliativos e descritivos, estudou-se também a polarização dos julgamentos. A polarização dos julgamentos foi operacionalizada em termos de valores absolutos com base nos 32 adjectivos bipolares (Peabody, 1985). Para cada dimensão calculou-se a média dos valores absolutos. Verificou-se que, quer o grau de identificação, quer o tipo de grupo de pares, não teve qualquer significado a nível da polarização. A polarização dos julgamentos face aos membros consumidores de drogas assumiu um grau semelhante à polarização dos julgamentos face aos grupos de delinquentes. Também a polarização dos julgamentos em relação aos grupos políticos foi semelhante à polarização dos julgamentos em relação aos grupos expressivos.

Ora, como se pode ver, a Figura 4 mostra que a polarização média dos julgamentos depende do objecto social que está a ser avaliado. Os resultados não deixam quaisquer dúvidas de que os membros que se percebem como pertencentes a grupos superiores tendem a produzir julgamentos extremistas em relação aos outgroups percebidos com um status inferior, enquanto que membros pertencentes a grupos com status igual ou inferior têm tendência para ser mais moderados.

Figura 4

*Polarização dos julgamentos em relação a si próprio, ao ingroup e aos outgroups*



## CONCLUSÕES

Realizou-se esta última investigação, numa tentativa de explicar os resultados ambivalentes dos estudos anteriores sobre a dinâmica intergrupala dos adolescentes (Palmonari, et al., 1990, 1992), em que teve como ponto de

partida, a teoria da autocategorização de Turner et al. (1987). Um dos principais pressupostos era de que o grupos de amigos dos adolescentes funcionariam de forma satisfatória sempre que os membros fossem capazes de se identificar com o seu grupo, bem como os julgamentos dos adolescentes deveriam revelar favoritismo pelo ingroup e discriminação pelos outgroups. Ora, estes resultados demonstraram que este último processo da categorização social não surgem necessariamente sempre nas relações intergrupais. Em alguns casos, nomeadamente quando o outgroup foi percebido como sendo inferior ao próprio grupo, a teoria da autocategorização de Turner et al. (1987), sustentou os nossos resultados. Mas tal não acontece, quando os adolescentes percebem o outgroup como tendo um status superior ou igual ao do seu próprio grupo.

Parece-nos, assim, que para uma melhor compreensão dos processos de categorização social em grupos naturais, será necessário considerar também as diferenças relativas ao status entre os grupos e o grau de identificação dos elementos ao ingroup. Até agora, as diferenças de status entre os grupos têm sido estudadas quase exclusivamente focando as estratégias desenvolvidas por grupos minoritários para fugirem à sua situação subordinada, acentuando a positividade da identidade social dos seus membros (Turner & Brown, 1978). Esta investigação procurou acrescentar à compreensão dos processos de discriminação a evidência de que cada um dos membros de um grupo possui o poder legítimo para expressar julgamentos negativos e polarizados acerca dos outros. Os membros fortemente identificados com grupos considerados superiores assumem como certa a legitimidade de sobreestimar o seu próprio grupo e desvalorizar o outgroup percebido como inferior.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bosma, H., & Jackson, S. (1990). *Coping and self-concept in adolescence*. Berlin: Springer.
- Bourhis, R. V., & Hill, P. (1982). Intergroup perceptions in british higher education: A field study. In H. Tajfel (Ed.), *Social identity and intergroup relations*. Cambridge: Cambridge University Press.

- Brown, R. (1978). Divided we fall: an analysis of relations between sections of a factory work force. In H. Tajfel (Ed.), *Differentiation between social groups: Studies in the social psychology of intergroup relations*. London: Academic Press.
- De Armas, A., & Kelly, J. A. (1989). Social relationships in adolescence: Skill development and training. In J. Worrell & F. Danner (Eds.), *Adolescent as decision-maker: Applications to development and education*. New York: Academic Press.
- Deschamps, J. C. (1982). Differentiations entre soi et autre et entre groupes. In J. P. Codol & J. P. Leyens (Eds.), *Cognitive Analysis of Social Behavior*. Nijhoff: The Hauge.
- Dreher, E., & Dreher, M. (1985). Entwicklungsaufgaben im jugendalter: Bedeutsamkeit und bewältigungskonzepte. In D. Liepmann & A. Stiksrud (Eds.), *Entwicklungsaufgaben und bewältigungsprobleme in der adoleszenz*. Göttingen: Hogrefe.
- Engel, U., & Hurrelmann, K. (1989). *Psychosoziale belastung im jugendalter*. Berlin: de Gruyter & Co.
- Gouveia Pereira, M. (1995). *A percepção do papel do grupo de pares nas tarefas de desenvolvimento em adolescentes e pais. Tese de Mestrado*. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Hall, S. G. (1904). *Adolescence*. New York: Appleton.
- Havighurst, R. J. (1941). *Developmental tasks and education*. New York: D. McKay Co.
- Hinkle, S., & Brown, R. (1990). Intergroup comparisons and social identity: Some links and la-cunae. In D. Abrams & M. A. Hogg (Eds.), *Social identity theory. Constructive and Critical Advances*. New York: Harvester/Wheatsheaf.
- Kirchler, E. Palmonari, A., & Pombeni, L. (1994). Social categorization processes as dependent on status differences between groups: A step into adolescents' peer-group. *European Journal of Social Psychology*, 24, 541-563.
- Kirchler, E., Palmonari, A., & Pombeni, M. L. (1992). Auf der Suche nach einem Weg ins Erwachsenenalter. *Psychologie in Erziehung und Unterricht*, 39, 277-295.

- Kirchler, E., Pombeni, L., & Palmonari, A. (1991). Sweet sixteen... Adolescents' problems and the peer group as source of support. *European Journal of Psychology of Education, 6*, 393-410.
- Miller, P. H. (1989). Theories of Adolescent Development. In J. Worrell & F. Danner (Eds.), *Adolescent as decision-maker: Applications to development and education*. New York: Academic Press.
- Palmonari, A., & Pombeni, M. L. (1989). Formes et fonctionnement des groupes de pairs à l'adolescence. Une étude sur le terrain en Italie. *L'orientation Scolaire et Professionnelle, 18*, 299-313.
- Palmonari, A., Kirchler, E., & Pombeni, M. L. (1991). Differential effects of identification with family and peers on coping with developmental tasks in adolescence. *Europe-an Journal of Social Psychology, 21*, 381-402.
- Palmonari, A., Pombeni, M. L., & Kirchler, E. (1989). Peer-groups and evolution of the self-system in adolescence. *European Journal of Psychology of Education, 4*, 3-15.
- Palmonari, A., Pombeni, M. L., & Kirchler, E. (1990). Adolescents and their peer-groups: A study on the significance of peers, social categorization processes, and coping with developmental tasks. *Social Behaviour, 5*, 33-48.
- Palmonari, A., Pombeni, M. L., & Kirchler, E. (1992). Evolution of the self concept in adolescence and social categorization processes. *European Review of Social Psychology, 3*, 287-308.
- Peabody, D. (1985). *National characteristics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Pombeni, L., Kirchler, E., & Palmonari, A. (1990). Identification with peers as a strategy to muddle through the troubles of adolescent years. *Journal of Adolescence, 13*, 351-369.
- Sachdev, I., & Bourhis, R. V. (1985). Minimal majorities and minorities. *European Journal of Social Psychology, 15*, 415-434.
- Sachdev, I., & Bourhis, R. V. (1987). Status differentials and intergroup behaviour. *European Journal of Social Psychology, 17*, 277-293.
- Sherif, M., & Sherif, C. W. (1964). *Reference groups. Exploration into conformity and deviation of adolescents*. New York: Harper and Row.
- Tajfel, H. (1972). La catégorisation. In S. Moscovici (Ed.), *Introduction à la Psychologie Sociale, 1*. Paris: Larousse.

- Tajfel, H. (1978). *Differentiation between social groups: Studies in the social psychology of intergroup relations*. London: Academic Press.
- Tajfel, H. (1981). *Human Groups and Social Categories*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Tajfel, H., & Turner, J. C. (1979). An integrative theory of social conflict. In W. G. Austin & S. Worchel (Eds.), *The social psychology of intergroup relations*. Monterey: Brooks and Cole.
- Turner, J. C., & Brown, R. (1978). Social status, cognitive alternatives and intergroup relations. In H. Tajfel (Ed.), *Differentiation between social groups*. London: Academic Press.
- Turner, J. C., Hogg, M. A., Oakes, P. J., Reicher, S. D., & Wetherell, M. S. (1987). *Rediscovering the social group: A self-categorization theory*. Oxford: Blackwell.
- Zimbardo, P. G. (1977). *Shyness*. Reading, MA: Addison Wesley.